

APRESENTAÇÃO

Mesmo tendo-se presente o admirável impulso por que tem passado a historiografia econômica do Rio Grande do Sul nos últimos anos, pode-se dizer, sem erro, que conhecemos muito pouco de nossa formação. O des-caso com a pesquisa, a insuficiência do ensino acadêmico no que se refere à economia gaúcha e a precariedade do debate são algumas das razões que podem ser apontadas como explicativas dessa situação.

Ao mesmo tempo, é comum ver-se o abandono do estudo de nossa história econômica justificado pela premência de se apresentar soluções para os problemas imediatos da sociedade. Ou seja, o presente e o encaminhamento do futuro, via planejamento, responderiam pela ignorância do passado. Como é evidente, o substrato desse tipo de pensamento reside na idéia de que é possível equacionar os problemas atuais, desconsiderando o processo do qual eles são resultados. Ora, é precisamente essa concepção estática e fragmentada da realidade que faz com que, na maioria das vezes, o planejamento resulte como um mero esforço editorial de intenções, desvinculado de toda e qualquer possibilidade de atuação sobre o processo concreto de desenvolvimento. Na verdade, é necessário que se tenha presente que o planejamento não poderá jamais “inventar” uma nova realidade, ele poderá, tão-somente, transformá-la, e para tanto é necessário primeiro conhecê-la. E esse conhecimento passa, sem dúvida, pela busca de apreensão do processo histórico de desenvolvimento de uma sociedade. História que não deve ser entendida como a mera sucessão de fatos e progresso dos homens, mas como a história das transformações sociais, do desenrolar dos conflitos das forças produtivas e das mudanças ocorridas nas relações de produção.

É, pois, com a intenção de contribuir para o resgate da memória econômica rio-grandense que se coloca o presente número da revista *Ensaio FEE*. A escolha dos textos foi orientada por dois critérios básicos: pela importância dos mesmos ao conhecimento da economia gaúcha e pelo fato de na atualidade serem de difícil acesso aos interessados no tema.

Como será fácil verificar, são textos que, apesar de se situarem em planos teóricos diferenciados e com objetivos diversos, têm em comum a influência das idéias populistas que predominaram desde a metade da década de quarenta até início dos anos sessenta. Longe de ser um defeito, a permeabi-

lidade dos autores às questões políticas da época mostra um salutar comprometimento com a realidade social. Como diz Marilena Chauí, a História é também “a história do modo como os homens interpretam todas essas relações (com a natureza e com a sociedade), seja numa interpretação imaginária, como na ideologia, seja numa interpretação real, pelo conhecimento da história que produziu ou produz tais relações.”¹

Portanto a reedição destes textos não se restringe a um mero propósito editorial. Na verdade, pretende-se que o relançamento dessas análises seja um estímulo ao debate para que se confirme ou se rejeite antigas teses. De certa forma, isso já se inicia na própria entrevista que precede os textos da presente coletânea. Ela é o resultado de quase três horas de discussão com três intelectuais que, mais do que meros observadores, são participantes e testemunho de um pedaço da história do Rio Grande do Sul.

¹ CHAUI, Marilena. O que é ideologia. São Paulo, Brasiliense, 1982. p.47.